

Professores/as iniciantes na pandemia: tecendo narrativas e memórias do ser, saber e fazer professoral

Beginning teachers in the pandemic: weaving narratives and memories of being, knowing and doing professorial

Joelson de Sousa Morais¹

49

Resumo: O texto é uma pesquisa narrativa (auto) biográfica em educação com 04 (quatro) professores/as iniciantes dos anos iniciais do ensino fundamental, da rede pública de ensino de Caxias-MA, realizada na pandemia, remotamente, com os dispositivos metodológicos: escrita narrativa, diário de pesquisa e conversas. O objetivo é: compreender como se tece os processos formativos no desenvolvimento profissional de professores/as iniciantes através de narrativas e memórias da experiência. Os resultados mostram que a *pesquisaformação* promoveu um processo de exercitação da memória capaz de emergir as narrativas como um ganho significativo de formação e (auto) formação para o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

Palavras-chave: Pesquisa narrativa (auto) biográfica. Professores/as iniciantes. Pandemia.

Abstract: The text is a (auto)biographical narrative research in education with 04 (four) beginning teachers of the initial years of elementary school, from the public education network of Caxias-MA, carried out in the pandemic, remotely, with the methodological devices: narrative writing, research diary and conversations. The objective is: to understand how the formative processes in the professional development of beginning teachers are weaved through narratives and memories of the experience. The results show that training research promoted a process of memory exercise capable of emerging the narratives as a significant gain in training and (self) training for the researcher and the research subjects.

Keywords: Narrative (auto) biographical research. Beginning teachers. Pandemic.

Introdução

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É Professor Adjunto I do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) /Campus Codó-MA.. E-mail: joelsonmorais@hotmail.com

Recebido em 22/03/2022

Aprovado em 15/04/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



O presente texto traz resultados de uma pesquisa narrativa (auto)biográfica realizada a nível de doutorado em educação, na qual narro a experiência de construção de conhecimentos que fora desenvolvida com 04 (quatro) professores/as iniciantes dos anos iniciais do ensino fundamental, da rede pública de ensino da cidade de Caxias-MA.

A pesquisa foi realizada no período da pandemia, remotamente, entre os anos de 2020 a 2021, utilizando os dispositivos metodológicos: escrita narrativa, diário de pesquisa e conversas, realizadas via *Google Meet* e pelo *WhatsApp*.

Os objetivos delineados neste estudo buscam: compreender como se tece os processos formativos no desenvolvimento profissional de professores/as iniciantes através de narrativas e memórias da experiência, bem como refletir acerca das contribuições da reflexividade autobiográfica na constituição do ser, saber e fazer professoral de docentes em início de carreira.

Defendo a potência e riqueza das memórias e narrativas (auto)biográficas dos/as professores/as em processos de socialização e aprendizagem profissional da docência, tendo em vista que nessa fase da vida profissional, o sujeito traz marcas determinantes em suas narrativas capazes de mudar o curso de sua história pelas escolhas que faz, e as afetações produzidas pelas relações consigo e com o outro pela narração.

Por isso, exercitar a memória é combater o esquecimento como tão bem salienta Ricoeur (2007, p. 40. Grifos do autor), uma vez que “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela”.

A pergunta norteadora do estudo busca refletir acerca do seguinte questionamento: que reflexões e aprendizagens são tecidas por professores/as iniciantes mediatizadas pelas memórias e narrativas no contexto do desenvolvimento profissional?

As reflexões produzidas no texto, tomam como princípio o aporte da pesquisa narrativa (auto)biográfica com os contributos de Josso (2010), Benjamin (2012), Bragança (2018), articulando-se aos processos de compreensão das fontes narrativas pela *hermenêutica da narratividade e temporalidade* em Ricoeur (2010), em diálogo com Bakhtin (2011), somando-se a outras referências da área.

Já que “a experiência de narrar está em vias de extinção”, como tão bem salientou Benjamin (2012, p. 213), penso ser esse texto um contributo às práticas narrativas de pesquisa e formação em partilhar, que se configuram como potencialmente transformadoras e emancipatórias na vida, formação e profissão docente.

No contexto de incertezas que assolam nos últimos anos no mundo, caracterizado pelo acontecimento da pandemia de Covid-19, as narrativas (auto)biográficas tem significado uma possibilidade significativa e potencial de fazer emergir tanto conhecimentos e aprendizagens, como modos outros de significação da experiência do sujeito para dá sentido à sua existência.

Quando a memória é exercitada pelos/as professores/as em situações de complexidades e incertezas de sua vida, profissão e formação, outras temáticas e reflexões substanciais emergem nesse narrar, que podem ser meios privilegiados de ressignificação de seu saber, pensar, ser e fazer professoral em vias de uma transformação significativa de sua existência.

Nesse sentido, “a narrativa escrita constitui um suporte particularmente adequado para a pesquisa dos processos de formação e de conhecimento, porque dá acesso tanto às partes que a compõem como a um conjunto a que foi atribuído um título” (JOSSO, 2010, p. 215).

No presente texto, proponho nesta parte algumas reflexões introdutórias do assunto, na segunda parte apresento o desenvolvimento metodológico com os procedimentos adotados ao longo da pesquisa, na terceira reflito como os/as professores/as iniciantes participantes da pesquisa tem tecido a sua experiência em narrativas de formação do cotidiano profissional durante a pandemia, e na quarta e última parte, são realizadas algumas discussões que o estudo construiu com as lições da experiência consolidada nesse processo de pesquisar e se formar junto pela pesquisa realizada.

Os itinerários metodológicos da pesquisa: movimentos de composição do conhecimento

A pesquisa em pauta ancora-se no campo da abordagem da *pesquisaformação*² narrativa (auto)biográfica na qual é tecida pela narração das histórias do sujeito pela linguagem, mediatizadas por uma reflexividade capaz de impulsionar transformações, aprendizagens e processo emancipatórios no decurso da vida.

Convém salientar um potente conceito de *pesquisaformação* na abordagem narrativa (auto)biográfica com o qual está subjacente a produção desse artigo, ou seja:

² A junção de duas ou mais palavras tem sido uma inspiração pelos estudos nos/dos/com os cotidianos, no qual tem Nilda Alves a maior representante desse movimento que foi fundado na década de 1980 no Brasil no campo educacional. O uso dessa escrita se deve à uma possibilidade de ultrapassar uma visão hegemônica e clássica de produção de conhecimento, criando outras palavras e dando outros sentidos à ciência e a capacidade de inventividade do sujeito que cria e recria, dando outras compreensões e entendimentos ao escrito (BRAGANÇA; MORAIS, 2021).

A *pesquisaformação* é uma perspectiva da abordagem narrativa (auto)biográfica em educação que consiste em um processo de reflexividade potencializada pela formação e (auto)formação do pesquisador em diálogo com a realidade, os sujeitos que compartilham consigo a experiência de pesquisar e se formar ao mesmo tempo e em partilhar com os múltiplos acontecimentos que os acompanham nos itinerários percorridos (BRAGANÇA; MORAIS, 2021, p. 300).

A palavra-conceito *pesquisaformação*, do modo como assim é escrita teve seus postulados originados no cenário brasileiro e com dimensões que se entrelaçam no contexto latino-americano por Bragança (2018), significando a possibilidade de empreender outros modos de pesquisa e formação em articulação, em que o/a pesquisador/a se forma de forma implicada e indissociável dos processos de pesquisa. A autora defende “[...] uma *pesquisaformação* outra que não abre mão da rigorosidade metódica, da consistência, mas que segue (re)inventando modos de *vivernarrarpesquisarformar*” (BRAGANÇA, 2018, p. 76).

Diante desse contexto, cabe ainda trazer uma potente reflexão de pesquisadores narrativos, em que ambos refletem e vem produzindo significativos estudos no contexto da *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica no Brasil, e em recente pesquisa revelam:

A potencialidade da *pesquisaformação* na abordagem narrativa (auto) biográfica se revela, portanto, rica na co-construção de inúmeras reflexões e transformações que acontecem em um voltar para si, resgatando memórias, histórias e percursos que, ao longo do processo formativo e de vida tecido pelo sujeito, vão nos fazendo – no momento em que acontece essa tomada de consciência do refletido – tecer, também, um processo de (auto)formação capaz de ser mobilizador de emancipações implicadas nos itinerários formativos da experiência em curso (MORAIS; BRAGANÇA, 2021, p. 7).

A escolha dos dispositivos metodológicos da pesquisa, levou em consideração a possibilidade de serem realizados no contexto da pandemia, assim, foram definidos os seguintes: escrita narrativa, diário de pesquisa e conversas.

O diário de pesquisa foi construído exclusivamente pelo pesquisador, para registrar, narrativamente, os acontecimentos experienciados no curso da pesquisa, os quais, tais registros também fizeram parte da pesquisa em diálogo com as fontes narrativas dos/as professores/as iniciantes articulando-se com os teóricos do estudo. Assim, houve um entrelaçamento entre empiria, metodologia e empiria.

As escritas narrativas foram produzidas por todos/as os/as participantes do estudo, sendo o pesquisador, um dos professores/as que também foi sujeito da pesquisa.

Participaram do estudo 04 (quatro) professores/as iniciantes, incluindo o pesquisador, dos quais três delas são docentes atuantes no 5º ano do ensino fundamental em duas escolas da rede pública de ensino da cidade de Caxias (interior do Maranhão), e o pesquisador foi o outro professor participante do estudo, que, embora não estando na condição de professor atuante na mesma etapa de ensino, reflete como foram os percursos da *pesquisaformação*, invocando a memória para tecer suas narrativas dessa experiência.

A pesquisa foi realizada no período da pandemia, remotamente, através da plataforma do *Google Meet* e do *WhatsApp*, onde foram gravados os encontros com a autorização dos/as professores/as, e depois transcritas para o computador.

A pesquisa passou e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, e todos/as os/as professores/as iniciantes, participantes do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Quanto aos nomes dos/as professores/as iniciantes serão designados/as por nomes de flores, buscando respeitar suas identidades como um dos atributos da ética na pesquisa científica. Assim, caracterizados/as por: Violeta, Orquídia, Hortêncica e Lírio.

Sobre o perfil dos/as docentes, todos/as possuem curso de formação inicial em Pedagogia, realizadas em universidades da rede particular de ensino na cidade de Caxias-MA. Duas das três professoras possui curso de especialização, e outra não possui, e o professor, além de graduação na área, possui especialização em Psicologia da Educação, Mestrado e Doutorado em Educação.

Em relação ao processo de compreensão e interpretação das fontes narrativas, primeiramente pelo uso da *Hermenêutica da temporalidade e narratividade* em Ricoeur (2010), articulando-se com os postulados da filosofia da linguagem em Bakhtin (2011).

É na hermenêutica que ganha um maior sentido e significado durante os processos de compreensão e interpretação das narrativas dos sujeitos participantes do estudo, tendo em vista que os sentidos não estão dados, eles são construídos nos movimentos que se dão entre o narrar, o perceber as nuances, entrelinhas e outras tantas dimensões que o pesquisador vai atribuindo pelas narrativas, dando, assim, consistência e rigor na construção do conhecimento científico.

Primar pelo uso das narrativas como dispositivo metodológico de pesquisa, ensino e formação promove substanciais contribuições nos processos formativos do sujeito que narra,

transformando-se pela linguagem e produzindo uma história de si, do outro e do mundo à sua volta, por isso “as narrativas são totalidades altamente organizadas, que exigem um ato específico de compreensão, da natureza do juízo” (RICOEUR, 2010, p. 257).

Narrativas de docentes iniciantes face à constituição profissional: aventuras e desventuras

Ser professor/a em um cenário de incertezas e complexidades, como esse da pandemia, tem sido muito difícil para os sujeitos que encaram a multiplicidade de acontecimentos que se processam no cotidiano, envolvendo as dimensões pessoais, como formativas e profissionais ao mesmo tempo.

E o mais difícil ainda é estar na condição de aprendizagem da profissão, no caso dos/as professores/as iniciantes participantes desse estudo, pois estavam construindo os macetes da profissão ainda no início de carreira, tendo, entre muitos aspectos a ter que: aprender a ser docente, a desenvolver suas metodologias, a planejar suas aulas, a se relacionar com as crianças e os pais e mães destas, a promover processos de avaliação da aprendizagem, entre outros múltiplos aspectos que na didática docente são necessários. E tudo isso, acontecendo remotamente.

Se envolver e desenvolver tudo isso presencialmente na educação escolar no campo profissional tudo bem, mas e de forma remota, quais impactos, reflexões e formas de organização do trabalho pedagógico são praticados? Como pensam e se sentem os/as professores/as iniciantes diante do constituir-se como pessoa e profissional no período da pandemia? E o que revelam suas narrativas acerca dessas dinâmicas do ser, saber e fazer professoral no cenário pandêmico?

São questões que merecem destaques e um mergulho mediatizadas pela reflexão narrativa e com os quais ousou trazer alguns trechos narrativos que revelaram docentes iniciantes em seu cotidiano de ao mesmo tempo ter que fazer sua prática pedagógica remotamente, ter que saber lidar com as emoções e os impactos gerados desse processo, bem como a descontinuidade de um formato de experiência presencial para remota.

Assim, a ideia dessa parte do texto é mostrar como professores/as iniciantes desenvolveram sua prática pedagógica refletida pelas narrativas (auto)biográficas, revelando não somente o que fizeram, mas o que pensam, sentem e conseguem se lembrar pela memória para poder registrar no presente, o que o passado não muito distante foi possível experienciar.

Em uma das conversas que tive com a docente Violeta, acerca de como a mesma realiza seus encontros remotamente com seus alunos, a professora revelou determinadas dificuldades encontradas tanto em relação às tecnologias educacionais utilizadas, quanto no que concerne ao acompanhamento das crianças em casa. Assim, se posicionou a docente:

- **Lírio:** Aí tu conversa no pv³ e fica mandando áudio é? Quando eles não estão tendo rendimento no dia da aula?

- **Violeta:** Mando áudio, aí eu falo assim, olha, eu peço pra eles... aí tem pais que fala, “professora eu tô aqui no trabalho, não tem como eu acompanhar porque eu passo o dia todinho trabalhando, e tudo”, aí eu “não, mas encontra pelo mesmo 10 minutinhos a noite, pra ver e peça o trabalho”, e elas ficam assim, sabe? Aí tem muitas que quando chegam em casa, “professora pode ligar que eu tô com meu filho agora”, aí ela liga e eu tô vendo que ela tá ali do lado, mas eu fico metendo a bronca, “rapaz como foi que eu te expliquei? Não era assim? O que é isso? Tá regredindo?” aí eu falo “Você é um aluno tão inteligente, não, vamos se interessar, isso é porque você tá brincando demais, não é?, quando terminar de fazer as atividades, pode pegar um livrinho, alguma coisa, comece a ler e faz outras coisas também, você mesmo pode pegar também, você mesmo inventar os números e fazer umas continhas, pegue a taboada e estude rapaz”, fico brigando mesmo, aí as mães falam “Olha aí, eu te falei”, como se tivesse acompanhando também, aí eu “rapaz...” [risos]. (Narrativa da conversa do prof. Lírio com a profa. Violeta, 10/09/20).

Diante do exposto, cabe refletir o quanto de dificuldades tem apresentado a professora Violeta, que mesmo em não ter parado por muito tempo suas práticas educativas e pedagógicas no processo de escolarização nesse período pandêmico, sofreu abalos na constituição do ser professora, por estar enfrentando uma outra conjuntura da vida pessoal e profissional nesse momento.

Outro aspecto a ressaltar, refere-se ao fato de que a pandemia mostrou outras habilidades a desenvolver, conhecimentos a construir e aprendizagens a se materializar em cada professor/a, tendo em vista que não estavam preparados/as para atuar nos meios virtuais profissionalmente na educação, e que passaram a ressignificar os tempos e espaços de aprender, ensinar e narrar, como emergiu esse registro da experiência da profa. Violeta.

Como se pode perceber, a família acabou redobrando seus esforços na educação dos filhos em casa, mediatizadas pelas orientações dos/as docentes, e no caso da profa. Violeta,

³ O termo pv é uma linguagem cibernética na qual significa a abreviação da palavra privado, para quem realiza conversas pela rede social do *WhatsApp* com apenas uma pessoa, ou seja, de forma isolada, sem a participação de outra.

suas práticas e abordagens realizadas remotamente, mostrou à própria docente, outras alternativas as quais não existiam antes, como o uso do *WhatsAssp* como ferramenta pedagógica para ter acesso às crianças, e dá as orientações devidas das atividades propostas por ela.

Com base na narrativa da profa. Violeta, é possível ainda depreender um ganho significativo pela pandemia: a presença dos pais com mais frequência na vida das crianças que são seus alunos no processo de acompanhamento das atividades escolares. Isso de certa forma, representou uma possibilidade formativa e de aprendizagem não somente para a docente, mas para a família da criança e os/as próprios/as educandos/as.

Nesse sentido, cabe uma potente reflexão acerca dos contributos das narrativas no contexto da formação de professores/as e desenvolvimento profissional docente, ou seja:

São nas narrativas que os sujeitos conseguem materializar os percursos e experiências tecidos ao longo da vida e dos contextos de aprendizagem e formação, mediados pelas reflexões que conseguem construir, a partir das memórias e lembranças que evocam narrativamente em um plano concreto, como, por exemplo, através da escrita narrativa. (MORAIS; NASCIMENTO, 2021, p. 22)

Em uma narrativa, agora de outra professora iniciante, a Orquídia, revela suas experiências desenvolvidas como docente na pandemia, também constituída por um conjunto de descobertas do ser, fazer e saber professoral na pandemia. Conforme narra a docente quando retornou às aulas e encontros, dessa vez remotamente com o uso do *WhatsApp* para realização de encontros ou orientações das atividades propostas por ela às crianças, após uma pequena paralisação por conta do início da pandemia, enfatiza o seguinte:

- [...] Acho que depois que eu voltei, teve uma aluna que foi tirar dúvidas, aí eu “vou fazer uma vídeo chamada”, aí a mãe dela mandou áudio, me ligou e disse “ô não estou conseguindo ajudar ela a fazer a atividade, eu não sei fazer e ela tá me aperreando”, aí eu disse “não, tudo bem”, aí eu marquei um horário, quando eu liguei, ela disse “não liga não porque senão os créditos vão acabar logo”, assim, no *WhatsApp*, aí Meu Deus e agora, aí eu fiquei mandando áudio, aí ela tirava foto da pergunta, do enunciado, aí eu ia fazer um caminho, desenhava a questão no caderno e mandava o áudio, aí ela respondia e me mandava “tá certo?” e eu “Tá certo!”, aí ficou indo assim, ainda respondeu foi muito, [...] mas deu certo, aí depois o resto ela conseguiu fazer, porque disse “olha o restante é o mesmo assunto e você vai fazer do mesmo jeitinho que nós fizemos aqui”, aí ela “ah, pois vou terminar”, mas foi a única que me aperreou mais assim. (Narrativa da profa. Orquídea, 24/07/20).

É interessante como a professora Orquídea encontra alternativas metodológicas para poder orientar a criança para fazer a atividade proposta, e a própria mãe dela se encontra num fogo cruzado sem saber o que fazer para acompanhar sua filha em casa durante o trabalho escolar a ser realizado.

Nesse caso, refletindo com a narrativa acima, um ponto merece destaque: a pandemia acabou também significando um processo de busca de sentido do ser professor/a, configurando-se como aprendizagens que pudessem mobilizar saberes e fazeres docentes para que pudesse dar continuidade às práticas pedagógicas remotas. Isso foi positivo, porém, encontros virtuais como esse remotamente assinalada na narrativa anterior, acabam causando alguns conflitos, pois, muitas famílias sentem dificuldades para poder acompanhar os encontros promovidos pelos/as docentes, seja por falta de internet, ou mesmo de celular que possua a rede social do *WhatsApp*, como me narrou a docente em outras conversas narrativas.

É pertinente ainda refletir acerca de uma problemática que permeiam as condições de vida das famílias das crianças que são alunas da professora Orquídea, conforme pode ser refletido pela narrativa: a maioria dos pais e mães dos alunos são oriundos da classe popular trabalhadora e de baixa escolaridade, alguns, inclusive analfabetos ou semianalfabetos, o que traz muitas dificuldades para acompanhar os filhos no processo de escolarização, e, conseqüentemente, inviabiliza a contribuição para a melhoria dos seus rendimentos de aprendizagem e construção de conhecimentos.

A narrativa, portanto, como um dispositivo de reflexividade autobiográfica recupera da memória, uma rica possibilidade formativa do sujeito, situando diferentes temporalidades entre o passado, o presente e a projeção do futuro.

Assim, reflito que estudos como esse que vem se desenvolvendo no âmbito da memória de professores/as “[...] vem sinalizando possibilidades formativas de construção de conhecimento e transformação dos sujeitos, na tessitura de suas histórias, na exercitação de suas memórias e na conseqüente transformação das consciências em contextos diversos e altamente significativos para a formação” (MORAIS, 2022, p. 79).

Com base nas reflexões empreendidas até o momento, articulando as minhas experiências narrativas com as tecidas pelas professoras iniciantes, anteriormente expressas, ousou fazer um diálogo de Ricoeur com Bakhtin em relação a atividade estética da narratividade, em que ambos se aproximam no conteúdo do sentido e da discussão.

Enquanto Ricoeur (2010) defende a ideia de que a estética da narratividade se tece no momento em que o sujeito reflete a narrativa como leitor em interação com o texto o qual o recebe, dando sentido, forma e transformando-o pela imaginação criadora construindo outras tantas ideias, interpretações e histórias, Bakhtin (2011), vai defender que a primeira atividade estética é a compenetração, em que devo vivenciar o que o outro vive, inteirando-me e me colocando no lugar desse outro.

Nesse sentido, reflito que ambos aludem a um mesmo componente que é o da *alteridade* em que, pela narrativa, acabo singularizando-me, pois, o que narro não é passível de repetição, igualdade e transferência a outrem, e a tessitura narrativa é permitida graças as relações que estabeleço na cultura em que estou imerso, com os outros tantos os quais me relaciono, refletindo pela linguagem as experiências vividas, construindo uma história que não existia antes que a linguagem fosse materializada.

Logo, só narro o que narro pelas experiências em que vou construindo, me sentindo afetado e refletindo (auto)biograficamente da consciência que emerge desse movimento, em processos de interações humanas e coletivas. Todavia, em relações alteritárias, pois, embora a escrita narrativa e o pensamento são práticas em que a mobilizo só, acabo invocando nessas atividades um conjunto de pessoas, memórias e experiências que me foram possíveis lembrar para narrar, pois não vivo, pesquiso, me formo e trabalho só, mas com vários outros sujeitos, em comunhão, no coletivo.

Cabe trazer uma conversa narrativa na qual pra mim representou uma lição e aprendizagem pra vida: quando a professora Hortência narra seus ensinamentos refletindo as lições que a pandemia lhe deixou.

Essa reflexão causou um efeito tão gigantesco em meu ser, que se me encantou no momento em que estava narrando durante a conversa e produziu um maior contentamento e emoção quando passei a ler sua narrativa, no processo de compreensão e interpretação hermenêutica que empreendi nesse processo. Sobre essa implicação em mim, expresso a narrativa no meu diário abaixo:

E como me vi na gravação mediatizada pela conversa? Uma pessoa e professor pesquisador reflexivo e pontuando questões em que mexeram muito comigo quando me olhei/ouvi, pois não me lembrava do teor das perguntas por mim feitas à Hortência naquele dia. Senti o peso das interpelações e senti que foram questionamentos que traziam muito a tônica das emoções e afetações, capaz de provocar a interlocutora a um estado de pensamento para poder narrar a

partir de si pela sua experiência. Senti que eu estava bem inspirado naquele dia e gostei da conversa!

Retrato quatro momentos que me fizeram descer lágrimas dos meus olhos pelo estado profundamente mergulhado e implicado pela conversa quando assisti, mediatizado pelas narrativas da Hortência: primeiro quando mencionou que o que mais sente falta é do lugar da escola, do contato com as crianças, dos abraços que estas dão e do envolvimento compartilhado com os pequenos, mesmo em situação em que está mergulhada em um cotidiano carregado de múltiplas situações e demandas que se materializam em sua prática pedagógica. Nossa, foi linda essa sua narrativa, eu me emocionei, não agüentei, tanto como agora ao escrever essa narrativa tomado por uma emocionalidade contagiante.

O segundo momento que me levou a uma forte emoção e aprendizado potencial, foi quando Hortência disse que essa pandemia veio nos mostrar para sermos melhores, mais humanos e reconhecer a força e presença dos outros em nossa vida, aludindo, assim ao componente da alteridade. Bela reflexão fez ela com essa narração, em que logo me lembrei de Edgar Morin, em seu recente livro *As lições do coronavírus*, em que o autor alerta para criarmos uma nova política civilizacional, de convivialidade e de relações humanas, para juntos, construirmos uma sociedade mais fortalecida e pautada pela sensibilidade e poéticas da existência. [...]

Por esses e outros momentos narrados pela professora Hortência, construí um conjunto de saberes e conhecimentos que modificou bastante o meu estado de espírito no momento e um repensar da *pesquisaformação*, tendo em vista que extrapolou assuntos e saberes da profissão e prática pedagógica e sim mostrou outros perfis ou identidades tanto dela, quanto de mim. E nesse momento de ver-se com os olhos de si com o outro e do outro para mim, estando junto, bem aos moldes bakhtinianos, que os sentidos, riqueza e potencialidade de uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica alarga-se e engendra um conjunto de possibilidades transformadoras e conscienciais. Razão de ser dessa epistemologia! (**Narrativa do meu diário de pesquisa: “O trabalho de formigas da/na pesquisaformação: entre razão e emoção, aprendizado e conhecimento”**, prof. Lírio, 29/12/21)

Mediante o registro narrativo do diário de pesquisa, reflito o quão significativo tem sido esse exercício de invocar a memória para sentir, praticar sensibilidades e pensar os processos de pesquisa em que me formo junto com os sujeitos participantes do estudo, pela escrita narrativa. Por isso, “a narrativa escrita fornece, no próprio movimento da sua escrita, fatos tangíveis, estados de espírito, sensibilidades, pensamentos a propósito de emoções e sentimentos, bem como atribuições de valores” (JOSSO, 2010, p. 217).

Convém, apresentar esse diálogo formativo e experiencial, na composição de uma ciência outra que ultrapassou todas as lógicas possíveis de produção de saberes e conhecimentos, que são legítimos e potenciais no contexto de uma *pesquisaformação* na pandemia. Segue a narrativa:

- **Lírio:** Uma pergunta só pra finalizar: O que que você espera? Quais são tuas expectativas?

- **Hortência:** Depois dessa pandemia? Você tá falando de modo geral?

- **Lírio:** É, de modo geral, tô falando assim, o que você espera no futuro, pode ser amanhã ou depois, ou daqui há dois ou três meses, ou no ano que vem, não sei, uma visão de futuro. O que que você espera? Quais são suas expectativas? Pode ser depois do que passar, o que você deseja e o que você espera em relação a tudo isso?

- **Hortência:** Com fé em Deus, o meu maior desejo é que voltemos a nossa vida normal, que não morra mais ninguém, assim, relacionado à essa doença maldita, que nós possamos ser pessoas melhores, porque nós precisamos. Eu acredito que tudo que tá acontecendo é pra nós pararmos e refletirmos nossas ações, viu professor? Refletir o que nós estamos fazendo, pedir perdão a Deus, reconhecer que realmente Deus é maior, que é ele que é o criador de todas as coisas, que nós somos como um grão de areia. E o que eu espero é que todo mundo viva feliz, que tenha paz, que acabe com essa violência, porque a gente vê todos os dias é muita violência, de todas as formas, ninguém respeita mais ninguém, que nós possamos respeitar o outro, e que nós também, porque as vezes a gente diz assim, que na bíblia diz também, não é? Que é “amar a Deus sobre todas as coisas”. Às vezes as pessoas não estão, nós mesmos não estamos amando a Deus, sob todas as coisas não, porque às vezes damos valor a bens materiais...

- **Lírio:** É verdade.

- **Hortência:** Eu sei que você é entendedor mais do que eu em alguns sentidos, mas, assim, se a gente parar pra pensar, as pessoas tão esquecendo de tudo, principalmente de Deus. Não é?

- **Lírio:** É verdade.

- **Hortência:** E se a gente for parar pra pensar mesmo, tudo o que está acontecendo é pra nós refletirmos: “poxa, eu não tinha tempo pra minha mãe, eu não tinha tempo pro meu pai, eu não tinha tempo pra minha casa, eu não tinha tempo pros cachorros, eu não tinha tempo pra nada, a minha vida era só correndo atrás de dinheiro, eu vou ter que trabalhar, eu vou ter que fazer isso, fazer aquilo, eu vou comprar um carro, comprar uma moto, eu vou pra um banho, vou pra um sítio, eu vou não sei pra onde”, era ou não era?

- **Lírio:** Pura realidade. Eu adorei a reflexão, muito boa.

- **Hortência:** Pois é, e aí a gente tem que parar mesmo pra pensar e não é assim não. Também a questão do conhecimento, o homem tá querendo ser mais sábio do que Deus. Se você parar pra pensar são muitas descobertas, é muita coisa, as pessoas estão querendo passar o tempo em busca de tanta coisa. Gente, vamos parar, vamos devagar, é muito conhecimento, são muitas descobertas.

- **Lírio:** Nossa, que legal isso que você tá falando, muito bom. (**Narrativa da conversa do prof. Lírio com a profa. Hortência, 01/07/20**).

O que consigo perceber dessa linguagem narrativa é uma poética que envolve corpo, alma e coração e que ultrapassa a simples pergunta que fiz a ela no início. Na verdade, o questionamento que propus foi intencionando, justamente, extrapolar as fronteiras de um contar o que se sabe e fez na pandemia, mas, sobretudo, trazer os aprendizados e conhecimentos

construídos não apenas do ser e aprender a ser professor/as, mas da vida, da experiência, e das marcas que ficaram e que permanecem guardadas na memória.

Quando Hortência me narrou o conteúdo dessa história durante a conversa quando foi gravada, eu simplesmente me compenetrei e mergulhei no que estava contando na hora, porque ela conseguiu fazer conectar-me em uma dimensão transcendental, em que passei a pensar no sentido não apenas da *pesquisaformação*, mas a pensar em mim, na vida, experiência, família, futuro, passado e presente, em muitos contextos juntos e misturados que esqueci completamente de que estava sendo gravado e que era uma conversa de pesquisa.

Vi o *talento narrativo* de Hortência, como um contar histórias reascendidas pela memória em um tempo de reflexão profunda, implicada e apaixonante. Um tempo *kayrós*, no sentido benjaminiano, de acontecer no momento certo, sem aligeiramento, mas no deixar acontecer com a sensibilidade, leveza e espontaneidade que pudesse emergir sem controle. Contrário, portanto, ao tempo *chronos* que é o da linearidade, da quantidade, do programado. Este é o tempo dos homens, enquanto o *kayrós* é o tempo de Deus, segundo a mitologia grega.

Foi nesse tempo da experiência do sensível que emergiu o inteligível, o transformador e o formador, como componentes fundamentais aos processos de reflexividade tecidos na narrativa (auto) biográfica que compus, provocada pela conversa em questionamentos e assuntos que Hortência se sentiu contemplada para narrar o que narrou.

Sua desenvoltura e modo de narrar fluída e poeticamente, se deu bem como a metáfora que Benjamin (2012) associa em relação a uma escada em que o sujeito se move de cima para baixo e de baixo para cima como que desaparecendo no infinito, refletindo as possibilidades de construção da narrativa em um devir, no vir a ser, na tessitura da experiência. Ou melhor, nas palavras do autor “[...] comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como uma escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens) (BENJAMIN, 2012, p. 232).

Percebo que a docente pessoa narradora, fez teletransportar-me para vários mundos, universos e pensamentos sem sair do lugar, só pela força da memória e do pensamento. Foi uma experiência incrível, e que toda vez que leio essa narrativa, faço outras tantas e múltiplas viagens impressionantes pela capacidade extraordinária que essa sua narrativa é capaz de me provocar.

Esse modo de contar/narrar me fez lembrar que sua narrativa poderia se situar no que eu chamo de implicação com: *As lições da pandemia*. No sentido das aprendizagens e experiências formadoras construídas desse contexto.

Ao por em cena essa configuração narrativa expressa pela professora Hortência, acabei me lembrando de Edgar Morin (2020), que em recente obra tematizou *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*, me provoca a pensar, que dessa pandemia, uma lição que fica é que “a política civilizacional tende a favorecer a expansão das relações conviviais e afetivas numa civilização propícia à poesia da vida, em que o Eu desabroche no Nós” (MORIN, 2020, p. 76).

Trazer essa narrativa no final desse texto foi proposital mesmo. Quis perceber e sentir o peso que essa conversa pode se efetuar nos vários níveis de (re) composição de mim, despertado por ela e percebido de um modo outro consciencial pela releitura que fiz do texto narrado.

Essa narrativa que emergiu da conversa com Hortência mostra a riqueza e a potencialidade aguerrida de uma professora narradora capaz de deixar-se levar, tocar e expressar por múltiplos saberes, conhecimentos e sensibilidades, o que do meu lugar eu não conseguiria dizer e revelar.

É um dizer de si, do outro, do mundo, dos acontecimentos, das relações... é uma composição de múltiplas vozes equipolentes comigo, que me representa e vejo fazer sentido com a docência, a vida, formação, a pesquisa, a existência em resistência aos atos incongruentes e inconsequentes do tempo presente tramado em metanarrativas políticas e hegemônicas.

São dizeres que exalam um valor axiológico que congrega ética, estética e sensibilidade com uma carga potencial de leveza e transbordamento que revelaram mais do que é uma professora, e sim, uma pessoa humana, com experiências de vida e formação que de sua linguagem foi possível se deixar tocar e sentir.

Sua narrativa alia emoção à razão, amor e paixão, conhecimento e aprendizagem, e tantos outras dimensões do vivido e da experiência praticada, em que adjetivações não representam toda a grandeza do narrado e que me fogem palavras e modos de expressão.

E por fim, uma citação que representa o conteúdo e o sentido da experiência pelas quais foram trilhadas por todos/as os/as professores/as participantes desta *pesquisaformação*:

Esta é uma lição importante da crise, que nos deve levar a promover uma maior autonomia e liberdade dos professores. Hoje, está muito claro que nada pode substituir a colaboração entre professores, cuja função não é aplicar

tecnologias prontas ou didáticas apostiladas, mas assumir plenamente o seu papel de construtores do conhecimento e da pedagogia (NÓVOA, 2020, 9)

Só narrando a experiência que me/nos passa, me/nos acontece e faz sentido, é que poderá ser possível a transformação de mim, do outro, da história, do mundo e do contexto e cultura da qual faço parte, e que um dia ganhará outros contornos das histórias que estão por vir, com outras tantas lentes de reflexão e interpretação, bem como outras pessoas, lógicas, acontecimentos, narrativas e experiências de vida e formação na continuidade da história da humanidade.

Considerações Finais

O desenvolvimento desta *pesquisaformação* permitiu se inscrever como um processo de construção de saberes e conhecimentos, aludindo à memória como uma marca da subjetividade na qual cada narrativa apresentou uma singularidade, fruto das experiências de mundo e concepções de si, do outro, do que pensa e faz cada professor/a iniciante.

Trazer as narrativas em situações de complexidades e incertezas do ser e constituir-se professor/a, é pois, um meio privilegiado de formação e (auto)formação em que se lançam os sujeitos, construindo possibilidades outras de ser, fazer, saber e pensar a si, a vida e a profissão em tempos cada vez mais incertos como este pandêmico.

Embora a pandemia tenha representado um cenário de profundas dificuldades de adaptação e mesmo gerando impactos emocionais a alunos/as e professores/as no que se refere à educação, estar nessa condição acabou impulsionando os/as docentes a uma reaprendizagem da profissão, com a acentuada reconstrução de suas experiências pedagógicas e educativas nos meios virtuais.

Alguns aspectos puderem ser significativos de ser professor/a em início de carreira na pandemia, tais como, esse novo formato de educação: aproximou família da escola (mesmo virtual) e dos/as professores/as; escancarou as disparidades socioeconômicas, políticas e culturais da sociedade, sobretudo, das famílias dos/as alunos/as com o uso das tecnologias e ausência de recursos e dispositivos para o acompanhamento dos encontros promovidos pelos/as professores/as; permitiu aos/as docentes novas aprendizagens com o uso dos recursos tecnológicos e a ressignificação de sua didática, entre outros aspectos.

O processo de exercitar a memória para poder emergir as narrativas foi um ganho significativo que o desenvolvimento desta *pesquisaformação* promoveu. Assim, tanto eu como professor narrador pesquisador me formei e aprendi, como os/as professores/as iniciantes participantes do estudo, sinalizando a riqueza e potencialidade que o coletivo pode fortalecer no âmbito dessa abordagem da pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação.

Que outras experiências narrativas com professore/as iniciantes e experiências possam fazer eco e ganhar notoriedade cada vez mais nesse cenário de incertezas em que paira uma pandemia, e que, somente pela narração, é possível acessar mundos possíveis, capazes de transformar o sujeito e emancipar consciências.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRAGANÇA, I. F. de S. Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, M. H.; M. B.; CUNHA, J. L. da; BÔAS, L. V. (Orgs). **Pesquisa narrativa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018. p.65-81.

BRAGANÇA, I. F. de S.; MORAIS, J. de S. Experiências narrativas de professoras iniciantes: movimentos de socialização no cotidiano escolar. **Espaço pedagógico**, v. 28, n. 1, Passo Fundo, p. 297-320, jan./abr. 2021. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/11455/114116094>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MORAIS, J. de S. **Fios e tramas em contextos de pesquisaformação e suas implicações na tessitura narrativa de professores/as iniciantes**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2022. 259p. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1237977>> Acesso em: 29 mar. 2022.

MORAIS, J. de S.; BRAGANÇA, I. F. de S. Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75612, 2021. DOSSIÊ - A dimensão biográfica como processo de formação e de

compreensão de si e do mundo. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75612/43500>. Acesso em: 24. Mar. 2022.

MORAIS, J. de S.; NASCIMENTO, F. S. C. do. Formar professores na perspectiva da narratividade: potencialidades e contribuições para o desenvolvimento profissional docente. **InterMeio**: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.27, n.54, p.12-35, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/13329/10501>. Acesso em: 24 mar. 2022.

MORIN, E. **É hora de mudar de via**: lições do coronavírus. [Tradução Ivone Castilho Benedetti], colaboração Sabah Abouessalam. 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

NÓVOA, A. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo #22** • volume 7 • número 3 • agosto 2020. Disponível em: <
<http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905/551>>. Acesso em: 15/mar./2022.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. vol.1: a intriga e a narrativa histórica. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.